

CAÇA ÀS BRUXAS

Consun reverte redução de horas imposta pelo Departamento de Teologia Fundamental ao professor Jorge Claudio por motivos ideológicos

O professor Jorge Claudio Ribeiro, do Departamento de Ciência da Religião, participou ativamente dos protestos que se instauraram na PUC-SP por ocasião da nomeação da professora Anna Maria Marques Cintra. Escreveu artigos críticos no *PUCviva*, compareceu aos Conselhos Universitários históricos do final de 2012, agiu conforme se esperava de um docente que viveu a história de democracia plantada pela PUC-SP.

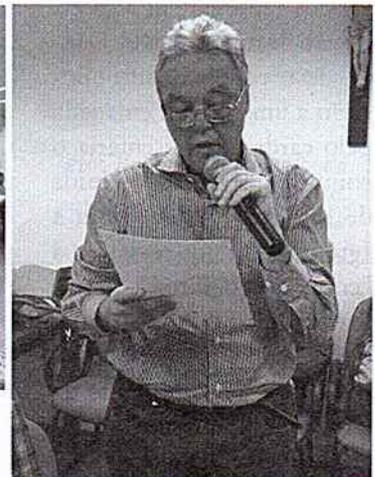
Porém não era assim que pensava o Departamento de Teologia Fundamental, da Faculdade de Teologia, encarregado de atribuir aulas aos professores de Introdução ao Pensamento Teológico (IPT). Assim o professor teve cassadas 20 de suas 30 horas contratuais. Segundo a ata de 30/11/2012, do Departamento de Teologia Fundamental, "estranhou a posição do professor Jorge Ribeiro na questão da sucessão do reitor da PUC-SP e decidiu pela suspensão de atribuição de aulas [da disciplina] para ele".

Depois de percorrer todos os caminhos legais da universidade não restou ao professor outra alternativa senão apelar ao Consun, que na quarta-feira, 30/10, colocou em discussão o seu recurso.

O relator do processo, professor Daniel Gatti, da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, encaminhou para o provimento do recurso de Jorge Claudio. Seguiu-se daí uma acalorada



A professora Priscilla Cornalbas lê o documento da APROPUC (esq), enquanto o professor Jorge Claudio manifesta sua posição ao plenário do Consun



LU SUPRE

A manifestação da APROPUC

Ao Conselho Universitário da PUC-SP

A APROPUC vem a este conselho para expressar que a medida de redução de horas contratuais do professor Jorge Claudio Noel Ribeiro Júnior apresenta uma clara intenção de cercear a liberdade de expressão e manifestação. Representa uma forma de controle ideológico inadmissível em uma Universidade.

O professor Jorge Claudio é um docente reconhecido na PUCSP por seu trabalho acadêmico como professor e pesquisador que sempre contribuiu para o debate democrático que em muito fez avançar a qualidade

desta Universidade.

Repudiamos qualquer tentativa de penalização e retaliação a professores por expressarem suas opiniões e posições. Uma universidade deve fomentar o debate, a livre manifestação e é um espaço no qual o pluralismo de ideias deve prosperar.

Hoje, aceitar uma medida desta natureza não atinge apenas o professor Jorge Claudio, mas todo o corpo docente desta Universidade. Apelamos para o espírito democrático deste Conselho ao apreciar o recurso do professor, posicionando-se pela defesa de seu contrato de trabalho.

Diretoria da APROPUC

continuação da capa

discussão que fez lembrar os antigos Consuns, quando ainda havia autonomia universitária na PUC-SP.

DIREITO CONSTITUCIONAL E TRABALHISTA

Para o padre Valeriano dos Santos Costa, diretor da Faculdade de Teologia, a decisão do departamento foi correta uma vez que embora o conjunto dos professores da faculdade não se oponha ao posicionamento político de seus docentes, os professores que ministram créditos teológicos representam a Igreja dentro da universidade. Dentro deste contexto, uma oposição a uma ordem emanada pelo cardeal representaria o rompimento de princípios de responsabilidade com a Igreja. O diretor ressaltou a "contestação feroz" que se fez à professora Anna Cintra, destacando o episódio do diretor José Celso no Pátio da Cruz, que ele considerava absurdo. Nesse sentido, o padre Valeriano acredita que faltou bom senso a Jorge Claudio.

A argumentação do conselheiro provocou uma série de reações contrárias de todos os que pediram a palavra. A professora Salma Tannus Muchail, representante docente da Faficla, lembrou que o fato de a PUC-SP ser católica e pontifícia não pode sobrepujar o seu caráter de universidade. Lembrando os filósofos primitivos, Salma destacou a dignidade e a tolerância de santos do catolicismo que, nos séculos XII e XIII souberam fundar universidades católicas com liberdade de expressão.

Na mesma linha de raciocínio a professora Madalena Peixoto, representante docente da Faculdade de Educação, en-

fatizou que o direito canônico não pode se sobrepor ao direito constitucional e ao direito trabalhista. E que a manifestação do professor foi correta e puni-lo na distribuição de aulas seria um contrassenso.

Vários professores se manifestaram no mesmo sentido, como a professora Marisa Romero, diretora da Faculdade de Ciências Sociais, que lembrou que não se poderia adotar critérios de corte de aula para punir uma atitude que o departamento considerou inadequada. Mathilde Melo, representante docente da mesma faculdade, informou o plenário sobre a manifestação dos professores da faculdade, totalmente solidários ao professor Jorge Claudio.

A possibilidade de um passivo trabalhista de grandes proporções foi assinalada pelo diretor da Faculdade de Direito, Pedro Paulo Manus, pois Jorge Claudio teria ao seu lado toda a legislação trabalhista e os acordos internos firmados entre professores e a direção da universidade.

MANIFESTAÇÃO DA APROPUC

A professora Priscilla Cornalbas, diretora da APROPUC, pediu a palavra e leu um documento da entidade em apoio ao professor. No documento a associação afirma que repudia "qualquer tentativa de penalização e retaliação a professores por expressarem suas opiniões e posições" (veja a íntegra do documento na capa desta edição).

O conselheiro administrativo Nalcir Antonio Ferreira Junior, diretor da AFAPUC, discordou dos argumentos do padre Valeriano e notou que esse caminho poderia levar a universidade a adotar procedimentos mesquinhos.

Ao final da longa discussão

a votação apontou para uma ampla vitória do professor Jorge Claudio. Foram 26 votos favoráveis ao seu recurso, dois contra (os representantes da Faculdade de Teologia, padre Valeriano dos Santos Costa e Sergio Conrado) e três ausências (as professoras Anna Cintra e Alexandra Geraldini da reitoria e a representante da Fundação São Paulo Christiane Salomão).

Ao final, o professor Jorge Claudio leu um documento para o plenário que reproduzimos na página ao lado.

Embora o posicionamento dos conselheiros tenha mostrado um alento para aqueles que militam pela manutenção da democracia universitária, a tentativa de retaliação do professor não é

um fato isolado, mas soma-se a uma série de arbitrariedades que foram instauradas na universidade após a nomeação do professora Anna Cintra como reitora. Basta lembrar que ainda encontra-se em andamento um processo político contra a diretora da APROPUC, Beatriz Abramides, pelo simples fato de ela ter manifestado sua opinião em um Consun de fevereiro, inviabilizado pelos estudantes. Alunos também foram citados em processos semelhantes pelo "crime" de manifestar opiniões contrárias à reitora indicada.

A decisão do Consun deixa uma esperança de que ainda existem na universidade consciências que não se calam diante do autoritarismo.

Conselheiros questionam decisão do Consad

Um tema incluído na pauta do Consun a pedido do professor Marcio Alves da Fonseca, da Faficla, foi a mudança efetuada pelo Conselho de Administração (Consad) na decisão do último Consun. Na oportunidade o Conselho Universitário havia determinado o número mínimo de 15 alunos para a abertura de turmas e o Consad, sem uma discussão com os conselheiros do Consun, aumentou para 20 este número.

A professora Salma Tannus Muchail, apesar de re-

conhecer estatutariamente a prerrogativa do Consad sobre questões administrativas lembrou que o diálogo entre os dois conselhos é fundamental e não podem prevalecer decisões unilaterais.

Devido a extensão da discussão do recurso interposto pelo professor Jorge Claudio, a aprovação do novo regulamento do Conselho Universitário ficou para a próxima sessão, quando os conselheiros que não se manifestaram sobre as mudanças poderão enviar sugestões.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtord

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Manifestação do professor Jorge Claudio no Consun

SATIAGRAHA

Com imenso alívio vejo terminar agora esta longuíssima novela, iniciada há exasperantes onze meses. Enquanto a justiça estava sendo gestada, foi-me dada a graça de amadurecer duas virtudes, uma inaugurada há várias décadas e muito longe daqui e outra que foi plantada neste mesmo campus.

A primeira se chama satiagraha, palavra sânscrita que significa "firmeza na construção da verdade" e foi cunhada pelo Mahatma Gandhi no processo de independência da Índia, reunindo formas não-violentas de luta guiadas pelo princípio de não-agressão - filosofia essa que influenciou Martin Luther King na então centenária campanha pelos direitos civis nos Estados Unidos.

A segunda virtude foi a

fé/confiança nesta PUC. Raras vezes duvidei que, para além do fato de eu ter razão, esta comunidade acadêmica que desde 1976 aprendi a amar (a ponto de provocar compreensíveis episódios de ciúmes) voltaria a exibir sua face mais bela.

No horizonte havia, e sempre há, alternativas. Por exemplo, apelar para o ativismo da juventude, manifestar-me através desse bicho guloso que é a mídia, solicitar audiências às autoridades eclesásticas - desde o arcebispo, passando pelo núncio até, quem sabe, o papa Francisco - ou a intervenção do aparato jurídico. Mas preferi dar a mim mesmo e aos membros desta universidade a chance de experimentar mais uma vez que suas forças estão vivas, que ela mesma é capaz de

promover a justiça e a verdade por meio de representantes eleitos nos departamentos e conselhos de faculdade, nas entidades e, finalmente, neste Consun. Paralelamente, sustentei-me o face a face com minha família e amigos, com os colegas professores, funcionários e estudantes que me diziam, às vezes sussurravam, que não desanimasse, que não enlouquecesse.

Não, quase não tive dúvidas quanto ao resultado deste processo a que fui impelido. Não me interessou "arrancar uma grana da Fundação" mediante legítimo pedido de indenização à afronta a meu direito de trabalhar. Não, o que desejei com todas as forças foi somente retornar às condições habituais de meu amor, a saber, as aulas nesta PUC, das quais me

orgulho, que há décadas me realizam como ser humano e representam para tantos de nós uma docência sagrada, um sacer-dócio entoado numa clave de sol que é o culto à ciência e à sapiência.

Apresentado aqui em primeira pessoa, esse episódio ultrapassa os limites do individual; ele significa a afirmação, em voz alta e adulta, do espírito e das relações que regem esta comunidade universitária e se enraizam fundo no húmus de sua história. Ao celebrar o pluralismo, a liberdade de consciência e de opinião, ao exercer a satiagraha e a fé estamos construindo nosso futuro.

Parabéns PUC, te agradeço, querida.

Prof. Dr Jorge Claudio Ribeiro
Depto. Ciência da Religião,
PUC-SP

Novas moções de solidariedade à professora Bia Abramides

Nesta semana, divulgamos mais alguns nomes de pessoas que se manifestaram contra a imposição do processo político contra a professora Bia Abramides, diretora da APROPUC

Caro Fernandes-Universidade Nacional de la Plata; **Carolina Alvim de Oliveira Freitas**-Advogada - Ex-aluna PUC-SP; **Carolina Freitas** - Estudante de direito PUC-SP; **Cláudia Maria Silva Pereira** - Cress 9447 - 7 Região; **Cléber Rabelo** - Vereador PSTU - Belém - PA; **Clismenia Nascimento** - Estudante Unesp - Marília; **Cristiane Gandolfi** - Educadora; **Deise Fernandes do Nascimento** - Assistente Social; **El-**

son Alves de Lima - Prof. FECEA - Apucarana-Pr; **Emanuel Silva** - Assistente Social - Ex-aluno PUC-SP; **Gláucia Oliveira**-UEPB; **Glaucio Zegna** - professor do Centro Universitário Fundação Santo André.; **Gleice Oliveira**-UFAM; **Graça Ciríaco** - Universidade Estadual do Piauí; **Hélcio Queiroz Braga** - Prof. E. Básica, Técnica e Tecnológica Sistema Federal de Ensino - MG - Doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP; **Josália Reis** - Assistente social na justiça federal, estudou na UFF; **José Dario Vargas Parra**. Doutorando ECA-USP. CPF 234.106.418-31; **Kathiucha Coelho**-UEL; **Katia Cilene**

- UNESP; **Katya dos Santos Schmitt Parcianello** - Mestre em História Econômica / USP; **Kelly Melatti** - Docente da Faculdade de Mauá - FAMA; **Kely Hapuque Cunha Fonseca** - Assistente Social; **Leonardo de Abreu Voigt** - Cientista Social - Universidade Federal Fluminense; **Leonardo Rodrigues da Silva**-EPPSG; **Leonardo Zanelli Pereti** - Psicanalista, Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP; **Luiz Henrique Schuch** - vice-presidente do ANDES- universidade federal de Pelotas.; **Marcelo Soares Alves** - Secretaria de Educação do Estado de São Paulo; **Márcia Ribeiro**-Servidora Pública Estadual;

Marcina Pessoa Pessoa - Assistente Social e Coordenadora de Projetos - João Pessoa; **Marco Cardoso-Seade**; **Maria de Fátima Fernandes** - aposentada - ex bancária; **Maria de Fátima Valentim Pessanha** - CRESS 6782; **Maria Elizabeth Borges**/ Docente da UFBA. Membro do GTP Ética e Direitos Humanos da Abeppss; **Maria Fé Oliveira**-PIBID; **Maria Helena Elpidio Abreu** - Docente da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo); **Maria Ines Iamamoto**-CEUNSP; **Maria Izabel Lagoa** - Socióloga; **Marlene Teixeira Rodrigues** - Programa de Pós-Graduação em Política Social - Universidade de Brasília- UnB.

Cultura Crítica homenageia Luiz Gonzaga e Jorge Amado

Na quarta-feira, 30/10, a APROPUC lançou em sua sede a *Revista Cultura Crítica* nº 15, dessa vez sobre Luiz Gonzaga e Jorge Amado. Com o tema "do regional ao universal", a publicação conta com nove artigos ao todo, cinco sobre o escritor baiano e quatro sobre o músico pernambucano, e apresentação editorial de João Batista Teixeira, diretor da associação, e Ricardo Melani, editor da *Cultura Crítica*.

Na mesa de apresentação da revista, expondo seus respectivos artigos, estiveram Celina Leal dos Santos, professora de literatura da rede estadual, Maria Heloisa Martins Dias, da Unesp, João Hilton Sayeg, da PUC-SP, e Ialana Goldstein, consultora das obras completas de Jorge Amado, publicadas em comemoração dos 100 anos do nascimento do autor, pela Companhia das Letras.

Celina, tomando como base 16 músicas entre as 625 compostas pelo "Velho Lua", falou dos temas diversos de Luiz Gonzaga, como o sertão, a migração, a seca, o amor, a

religiosidade, a morte matada e morrida. "Luiz Gonzaga tinha o sertão amalgamado nele mesmo", afirmou.

Já Maria Heloisa apresentou seu texto sobre a obra "ABC de Castro Alves", de 1941. Segundo ela, essa obra reúne, apesar de pouco estudada, as características que ele irá apresentar na longa carreira: o engajamento, a sensualidade, o sertão, o diálogo, a liberdade, as epígrafes etc. No livro, Jorge Amado não se atém a uma estrutura cronológica para biografar Castro Alves, se misturando com o biografado e se aproximando de temas como o amor e a liberdade, fundamentais na obra do poeta abolicionista.

Ilana falou sobre o papel de Jorge Amado na cultura brasileira. Segundo ela, Amado foi mais que um escritor. "Ele foi um construtor da ideia de Brasil, se um sentimento, um diálogo nacional", disse. Tanto que foi traduzido para 98 línguas, adaptados para filmes, teatros e novelas. Ele vendeu cerca de 30 milhões de exemplares e construiu mais de 400



ROBERTO OLIVEIRA

Sayeg fala sobre "A morte e a morte de Quincas Berro D'Água"; ao seu lado, João Batista Teixeira, diretor da APROPUC

personagens. Se por um lado ele teve uma formação erudita, por outro Jorge Amado se aproximou da culinária, da religião, da literatura popular, se transformando num ícone da cultura nacional.

Sayeg, por fim, apresentou seu texto sobre "A morte e a morte de Quincas Berro D'Água", no qual estão presentes técnicas narrativas ligadas a mitologia grega, como a dionisíaca e a hadesiana, segundo ele. Para exemplificar sua ideia, Sayeg resgatou a clássica passagem do velório

de Quincas Berro D'Água, como um bloco carnavalesco se embebedando pelas ladeiras de Salvador, à la Dionísio. E que culmina com seu enterro numa saveiro na Bahia de Todos os Santos, para o fundo da qual o personagem-defunto mergulha, indo ao encontro de Hades. Com esta edição, a APROPUC homenageia dois dos principais pilares da cultura nordestina e brasileira do século XX. Para ter acesso a nova edição da *Revista Cultura Crítica*, é só passar na sede da APROPUC, rua Bartira, 407.

Funcionários relatam problemas na Cogea

Em reunião realizada em 11/10 com a direção da AFA-PUC os funcionários da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão, Cogea, relataram uma série de irregularidades que vêm prejudicando suas condições de trabalho. Mereceram destaque as condições da copa, que é pequena e não consegue comportar os funcionários que para ali se dirigem. Os trabalhadores sugeriram como medida paliativa, a ocupação do espaço que

era utilizado pelo atendimento da COGEAE.

A situação do 13º andar também foi lembrada, pois lá os tacos do piso estão soltos, causando tropeços e situações de risco aos funcionários. Os vidros do andar foram lacrados para evitar a sua queda. Porém como o ar condicionado não funciona, o calor se torna insuportável.

O enquadramento profissional naquele setor tem se mostrado confuso para os funcionários. Os trabalha-

dores daquele campus estão registrados, em sua maioria, como sendo da SAE, o que difere da realidade ali encontrada em razão de suas funções. Dessa maneira os trabalhadores reivindicam maior clareza na definição de seus cargos e salários e, por outro lado, questionam as reduções do quadro efetivo e a manutenção das antigas funções dos desligado, o que provoca um grande acúmulo de tarefas.

A falta de um ambulatório

é um problema crônico para aquele setor, uma vez que o atendimento médico não existe, ficando tudo por conta de uma enfermeira, que na maioria das vezes não consegue resolver os problemas.

Em reunião com o padre Rodolpho Perazzolo, secretário da Fundação São Paulo, a diretoria da AFAPUC debateu as questões levantadas e recebeu do secretário a promessa de que providências efetivas deverão ser tomadas para sanar os problemas da unidade.

FALA COMUNIDADE

"É proibido, proibir"!**Edilaine Correa Gonçalves**

Em razão do dia 29/10, Dia Nacional do Livro, data de criação da Biblioteca Nacional, não por coincidência, objetivo convidá-los à exploração, pelo menos em parte, do que a biblioteca do campus de Perdizes oferece como fonte de saber e prazer, propondo o despertar sensível diante da possibilidade de acesso à leitura oferecida na PUC-SP.

Escritores, professores, alunos e outros em busca de informações recorrem à nossa biblioteca tanto pela quantidade, quanto pela qualidade de seus títulos, sejam usuários inscritos ou não, tendo como característica positiva o fato de receber ao público em geral, assim como o de universidades vizinhas ou internacionais.

Convido-os, então, a refletirem sobre esse espaço, por meio deste texto. Justamente na unidade do bairro de Perdizes, em que trabalho há duas décadas, observo o trânsito de frequentadores de várias idades e experiências acadêmicas, formas diferentes de lidar com os livros para seus cursos ou concursos, apresentando nítida cumplicidade com os diversos títulos retirados das estantes para a busca do que precisam, de forma silenciosa ou não, por necessidade ou prazer.

Acompanhando o vai e vem dessas pessoas, presencio o tecer de histórias futuras com as do passado, no que diz respeito à confecção de novas publicações para o mercado livreiro.

Muitos nem imaginam o quanto é rico estar em uma biblioteca como a nossa: a começar pelo tempo que

nela está representado. São mantidos fichários que antigamente eram essenciais para a localização do material a ser pesquisado, que necessitavam de abastecimento constante e diário de fichas em papel cartão datilografadas, uma a uma, arquivadas em ordem alfabética em três modalidades: título, autor e assunto. Hoje em dia, ficam ao lado de terminais de consulta que abreviam tempo para localização dos itens de forma compartilhada. Assim como se ignora atualmente a função desses fichários, deve igualmente ser ignorado que por volta da década de 1950, a biblioteca do campus Perdizes era criada disponibilizando cerca de três mil obras em comparação com as 700 mil disponíveis e distribuídas pelos campi da PUC-SP, em suas oito unidades distribuídas.

Presenciei vários autores utilizando o acervo da biblioteca como suporte principal para informações de suas pesquisas, acervo esse que dispõe, de forma democrática, temas que se tornam polêmicos numa discussão como religião, política, literatura ou arte, à disposição para serem citados ou servirem de inspiração.

Não se trata apenas de representações e registros antigos ou atuais, na verdade são possibilidades de escolhas, de ideias defendidas e que muitas vezes mudaram o curso da nossa história. Livros de várias gerações, conservados ou em processo de restauro, trazendo dedicatórias autógrafas em suas edições, detalhes esses que o tornam objetos raros, senão valorosos.

Caso de títulos pesquisados que provocam emoções em ter acesso a eles. Assim,

me senti com as de Cesare Lombroso com *L'homme criminel*, de 1895, e Alphonse Bertillon com *L'origine des espèces au moyen de la sélection naturelle ou la lutte pour l'existence dans la nature*, de 1896, ambas em Coleção Obras Raras da Biblioteca PUC-SP quando buscava material para elaboração de monografia de especialização. Ter tido o privilégio de folheá-los, sentir o perfume do tempo em suas páginas, ativaram meus sentidos provocando um prazer que somente são compreendidos por aqueles que amam os livros. Diz Mark Twain que "em uma boa biblioteca, você sente, de alguma forma misteriosa, que está absorvendo, através da pele, a sabedoria contida em todos aqueles livros, mesmo sem abri-los."

Citaria ainda as edições do Index publicados pelo Vaticano no início do século XX em que eram citados todos os autores e obras que não poderiam ser lidos por infringirem as regras de produção ditadas na época, seguindo os princípios e os bons costumes. Mais curiosas foram as informações passadas naquele episódio pela bibliotecária Carmem Prates Valls, uma das melhores detentoras das memórias da história da PUC-SP que conheço, contando que nosso antigo bibliotecário-chefe da década de 80, Dr. Luiz Kubinsky continuava a mantê-los trancados à chave em sua sala por considerá-los subversivos. O acesso e, respectiva consulta, só eram permitidos após o preenchimento de formulário justificando a necessidade de leitura com entrevista pessoal.

Felizmente, esses títulos, após terem cumprido suas respectivas "penas", estão

livremente circulando pelo acervo, disponíveis nas estantes nas mãos de quem tiver curiosidade em saber o que eles contam ou contavam de tão proibido, peculiaridades de um tempo em que as proibições aos autores biográficos não existiam, levando a constatar que retaliações que envolvem livros, liberdade de escolhas ou expressão, possam funcionar mais como estratégia para estimular o interesse público que instrumento de controle.

Muitos seriam os textos possíveis de escrita sobre a vida pulsante e germinativa existente em quilômetros de prateleiras com livros e revistas, mídias, folhetos, teses e dissertações que impulsionam pesquisadores em suas respectivas produções acadêmicas e científicas disponíveis em nossas bibliotecas.

Ocorre-me que as amizades são como as leituras, escolhidas por afinidade e prazer em manter um relacionamento com elas: tomamos emprestadas convicções, histórias, teorias ou experiências de vida buscando nos autores do passado uma melhor compreensão de nosso presente, servindo como base para construção para o futuro. Assim, basta-nos dar-lhes voz, refletirmos sobre seus registros, concordarmos ou não, enfim, carregá-los em nossa memória para a construção de nossos saberes, mesmo que proibidos, pois cabe a cada um de nós decidirmos em quem acreditar.

Edilaine Correa Gonçalves (Mestre em Comunicação e Semiótica, analista na biblioteca Nadir Gouveia Kfourri, professora e tradutora de francês, especialista em Literatura Francesa).

G AUCHE NA VIDA

Por que o senhor atirou em mim? Quem vai responder à pergunta do Douglas?

"Cê viu ontem? Os tiro ouvi de monte! Então, diz que tem uma pá de sangue no campão. 'Ib, mano toda mão é sempre a mesma ideia junto: treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto (...)"
Fórmula Mágica da Paz - Racionais Mc's

Douglas Belchior

Douglas Rodrigues podia ser meu aluno. cursava o terceiro ano do ensino médio e trabalhava em uma lanchonete. Tinha só 17 anos. Nesta segunda (28/10), passava com o irmão de 13 anos em frente a um bar quando foi abordado por policiais, quando sofreu um disparo certeiro no peito. "Por que o senhor atirou em mim?", teria perguntado ao PM, segundo a mãe, Rossana de Souza. Douglas foi levado a um hospital da região, mas não resistiu.

Os agentes averiguavam uma suposta denúncia de "perturbação de sossego", segundo o Boletim de Ocorrência, por conta do som de um carro que tocava funk. "Ele deu o tiro dentro do carro. Não falou nada, não teve nem reação", disse uma testemunha. Já o policial afirmou que o tiro foi acidental. Ele foi autuado em flagrante por homicídio culposo, quando não há intenção de matar.

A equipe da Coordenação de Juventude, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos da cidade de São Paulo está em contato com a família e informou que oferecerá todo o apoio e orientação.

Quem vai responder à pergunta do Douglas?

Ele perguntou ao estado, ao poder, aos governantes: Por que atirou em mim? Estavam na Vila Medeiros para garantir o "sossego" da comunidade. O que isso tem a ver com tiros, truculência e terror? O tiro foi acidental? De novo? E no peito? Traves-tidos como acidentes, o fato é que a violência e a morte têm uma estranha predileção étnica, étnica, social e geográfica: as vítimas são sempre jovens, negros ou pobres e moradores de periferias.

Querida mudar de assunto, como sugere o verso do Racionais, lembrado acima. Mas a realidade não deixa! Uma das principais reivindicações dos movimentos populares hoje no Brasil é justamente a desmilitarização das polícias e a consequente extinção da PM. Está provado que, em nome do Estado e dos interesses privados que o dirigem, a PM existe para reprimir e matar negros e pobres.

Políticas públicas, por mais bem intencionadas que possam parecer - como é o caso do Juventude Viva, não darão conta do problema da violência urbana se não tocarem a dimensão da política militar genocida vigente.

Como já descrevi num outro momento, "O assassino não pergunta ao pretinho se é assistido pelo bolsa família; se está matriculado no curso técnico; se frequenta o projeto social da Ong do bairro; se foi cabo eleitoral do deputado eleito pelo distrito; se está inscrito para a prova do Enem; ou se já marcou a entrevista no balcão de empregos da central sindical." Exatamente como aconteceu com Douglas, o assassino cumpre, fardado ou a paisana, sua tarefa: ele mata! E depois faz uso dos instrumentos legais da carnificina, característicos da hipocrisia democrática que vivemos e alega resistência ou ação culposa, sempre "sem a intenção de matar".

Aliás, esse é o argumento jurídico do Estado Brasileiro para negar o genocídio de sua juventude: "Não há a intenção", apesar dos fatos. Mas o que importa ao morto ou à família do morto se houve ou não a intenção de matar? O que importa a intenção, se os velórios e a dor são irreversíveis?

Transfiro a pergunta de Douglas para vocês, Governador Alckmin e Presidenta Dilma, que preferiram o conforto do Palácio dos Bandeirantes à participação no lançamento do Plano Juven-

tude Viva no último dia 25, no Campo Limpo, quando poderiam ouvir de nós as angústias - e talvez a partir de uma ação concreta, caro governador, evitar mais um assassinato.

Por que o policial atirou? Por que sempre atiram? A tropa obedece, o comando treina, a direção ordena e os chefes de estado se responsabilizam. Então respondam, Alckmin e Dilma, por que Douglas foi assassinado? E até quando outros serão? E vocês, que se solidarizaram à PM imediatamente após a agressão sofrida pelo Coronel Rossi, o que têm a dizer agora?

Chega de hipocrisia. A PM mata negros e pobres todos os dias!

Douglas Belchior é professor de história, militante e escreve sobre o movimento negro.

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Cenas de violência se repetem nos atos de São Paulo

Ao longo da semana passada, o vídeo do coronel da Polícia Militar de São Paulo sendo espancado pelos Black Blocks foi exaustivamente reproduzido nos meios de comunicação nacionais. Mas a violência não tem se limitado à ação do grupo, pelo contrário. Vinda tanto dos manifestantes quanto da PM, ela tem se tornado uma constante nos protestos de rua.

Na sexta-feira, 24/10, no dia em que o PM foi agredido - o mesmo coronel que aparece espancando com um cassetete uma jovem em outro ato -, houve demais

confrontos entre policiais e manifestantes na região central da capital, quase sempre resultando em detidos e feridos. Na ocasião, foram presas 78 pessoas - algumas delas, aliás, enquadradas na Lei de Segurança Nacional e por formação de quadrilha.

Já nos dias 27 e 28/10, a violência voltou a mostrar a cara. Dois protestos pararam a rodovia Fernão Dias com pneus e ônibus queimados, na região de Jaçanã, zona norte da capital, por causa da morte de Douglas, um jovem que foi abordado e baleado por um policial no

dia 27. Segundo assessoria da PM, o disparo aconteceu acidentalmente enquanto o jovem saía do carro em que estava para ser revistado. Versão muito contestada pelos familiares e amigos da vítima, que foram às ruas junto com movimento social para protestar contra a violência policial.

Dessa forma, compreende-se por que a violência tornou-se lugar-comum nos atos políticos no Brasil e em São Paulo, uma vez que ela está intensamente presente no cotidiano da população e na sociedade como um todo.

Professores da FFLCH divulgam apoio ao movimento grevista da USP

Nomes como Paulo Arantes, Jorge Grespan, Ruy Braga, Fabio Konder Comparato, Osvaldo Coggiola, Maria Lucia Cacciola e Sylvia Bassetto, entre tantos outros professores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, divulgaram uma nota pública em defesa e apoio ao movimento estudantil da universidade, que iniciou a greve por democracia e eleições diretas e paralisou a maior universidade do país, e aos professores que resolveram aderir à greve.

No documento, que circula nas redes sociais, os professores afirmam a importância da atual conjuntura política. "Vivemos um momento excepcional na FFLCH, relacionado ao movimento

mais amplo de reivindicação de democracia e eleições diretas para reitor, na USP; de contestação do autoritarismo dos governos da cidade e do estado de São Paulo; de crítica às políticas de fundo neoliberal sempre em curso no Brasil. É um momento de crise econômica e política grave, que não permite tergiversações e conciliações aparentes, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade de realizar as mudanças necessárias e há muito desejadas no quadro institucional existente", afirma a nota, que termina pedindo unidade aos professores, estudantes e todos aqueles que apoiam a greve pela democracia na USP e que ataques de cunho moral não sejam respondidos pelo movimento grevista.

Universidade Livre e Popular inicia seu primeiro curso

A Universidade Livre e Popular, iniciativa do Tribunal Popular: o Estado brasileiro no banco dos réus, começa a funcionar nesta segunda-feira, 4/11, com o início das aulas de espanhol.

As aulas são oferecidas para jovens a partir de 16 anos e acontecerão todas as segundas-feiras, às 19:30h, no Sacolão das Artes, Av. Cândido Xavier, 577, Parque Santo Antônio, espaço de vivência cultural na zona sul de São Paulo.

Além das aulas de espanhol, cujas vagas são limitadas, outras disciplinas estão sendo organizadas. E qualquer educador social ou professor que tenha interesse em colaborar pode apresentar seu plano de aulas. Para entrar em contato com a universidade Livre e Popular, mande um email para o endereço eletrônico universidadelivrepopular@gmail.com.

TRF cassa liminar de suspensão das obras de Belo Monte

A pedido da AGU (Advocacia-Geral da União), o presidente TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região), Mario Cesar Ribeiro, cassou na quarta-feira, 30/10, a decisão judicial que determinou a paralisação das obras da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará.

A paralisação das obras havia sido decidida pelo desembargador Antonio Souza Prudente, do próprio TRF, na sexta-feira, 25/10. Apesar disso, as obras não chegaram a ser interrompidas.

O pedido de paralisação foi feito pelo Ministério Público do Pará, por causa de ilegalidades no processo de licenciamento ambiental. O TRF havia determinado a suspensão do licenciamento ambiental e das obras "até o efetivo e integral cumprimento de todas as condicionantes estabelecidas na licença prévia".

E também ordenou ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) que não repassasse recursos ao empreendimento, concedido ao consórcio Norte Energia, até que as condicionantes fossem cumpridas, sob pena de multa diária de R\$ 500 mil. O presidente do TRF, porém, concordou com os argumentos apresentados pela AGU e cassou a suspensão das obras. Fato que desagradou o Ministério Público paraense e os sindicatos e movimentos sociais, como o Xingu Vivo, que acompanham os impactos de Belo Monte.

ROLA NA RAMPA

Comissão da Verdade realiza nova sessão

A Comissão da Verdade "Reitora Nadir Kfourri" da PUC-SP realizou sua segunda sessão na noite de quinta-feira, 31/10. Com a coordenação da professora Marijane Lisboa, do departamento de Sociologia, a sessão relembrou e homenageou os estudantes da PUC-SP desaparecidos e assassinados durante a ditadura militar no Brasil.

Com a professora Rosalina Santa Cruz, do departamento de Serviço Social, de José Luiz Del Roio e de Celso A. Horta, os presentes assistiram a um vídeo produzido pela Comissão e deram depoimentos sobre os desaparecimentos. Para saber como participar da Comissão da Verdade da PUC-SP, acesse www.pucsp.br/comissaodaverdade.

Nota de esclarecimento sobre o problema dos ratos

Em relação ao texto "Ratos no Prédio Novo", publicado no **PUC Viva**, edição 887, a direção do campus Monte Alegre esclarece que a presença dos roedores foi pontual e consequência de desratização promovida no campus no Prédio Novo. O procedimento foi feito em 19/10, pela empresa Alvo Dedetizadora, que deu certificado de garantia à Universidade até janeiro de 2014 (anexo). A desratização é uma das ações que vêm sendo realizadas

na busca de melhorias do campus Monte Alegre.

Quanto às lixeiras, o recolhimento tem sido feito rotineiramente, todas as manhãs e noites.

Direção do campus Monte Alegre

A manifestação acima trouxe anexada a nota fiscal da empresa Alvo Dedetizadora de 19/10, comprovando a realização da desratização no campus Monte Alegre.

Pastoral organiza coleta de alimentos

O serviço de Pastoral da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo convida professores, funcionários e alunos para participar do dia Nacional da Coleta de Alimentos promovido pela Companhia das Obras do Brasil. O

evento acontecerá no sábado, dia 9/11, das 08h às 18h. Para se inscrever: Informe sua disponibilidade de horas na Pastoral Universitária - sala 63 - térreo - Prédio Novo, pastoralpuc@pucsp.br. Tel: 3670-8557

NEAM promove debate sobre trabalho

O Núcleo de Estudos e Aprofundamento Marxista organiza no dia 6/11 a palestra "Cultura e Trabalho: Ideologia, Alienação e Estranhamento", tema debatido por Livia Cotrim, doutora em Ciências Sociais e professora

da Fundação Santo André. O evento será coordenado pelas professoras Beatriz Abramides, do Serviço Social, e Vera Lúcia Vieira, da Faculdade de Ciências Sociais, e acontecerá entre 16h e 19h na sala 520, com emissão de certificado.

Novembro com muita música na PUC-SP

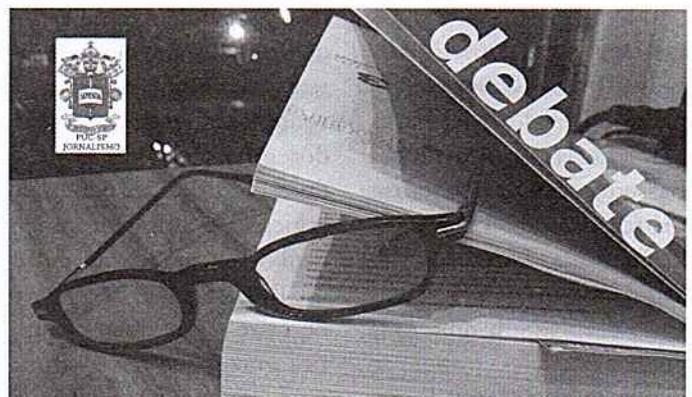
A Pró-reitoria de Cultura e Relações Comunitárias, juntamente com o PAC e os músicos produtores Fernando Tadeu e Luiz Carlos (Bili), promovem durante o mês de novembro vários eventos de música na Prainha do campus Monte Alegre. Os eventos acontecem no período da manhã, das 12 às 13h20 hs., após o término das aulas e à noite das 18 às 19h20. Na primeira quinzena

de novembro apresentam-se os músicos Frabécio Ramos (05/11 - manhã), Ricardo Moraes (05/11 - noite), Atelier de La Musique (07/11 - manhã) e Jurema (07/11 noite). O Atelier de La Musique terá um novo espaço reservado no dia 8/11, no período noturno e os músicos da Casa de Música Bateras Beat se apresentarão no dia 12/11, nos dois períodos.

Eleições definem novos gestores de CAs

Semana passada também foi marcada pelas eleições para centros acadêmicos. Os estudantes do Direito elegeram a chapa #vempro22, da Construção Coletiva, para a gestão 2014 do Centro Acadêmico 22 de Agosto, no segundo turno das eleições. O Centro

Acadêmico Clarice Lispector elegeu a gestão "Clarice Resiste!", que será responsável pelo curso de Letras. O curso de Jornalismo entrará em processo eleitoral em breve. O CA Benevides Paixão lançou edital e a votação será entre os dias 6 e 7/11.



Biografia é legal?

As implicações jurídicas, econômicas e profissionais do Projeto de Lei 393/2011 que trata das biografias "não autorizadas"

DIA 11/11 - 19h30m - auditório 117-A

Organização:
Coordenação do Curso de Jornalismo-Departamento de Jornalismo
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

Profª Maria Eugênia Ferreira da Silva - advogada
Profa. Raecler Baldresca - juíza federal
Audálio Dantas - jornalista
Paula Corrêa - jornalista
Marco Antônio Vilalba "Passoca" - músico
Tony C. - biógrafo do rapper Sabotage